

**O CONHECIMENTO DO NOME DAS LETRAS E SUA RELAÇÃO COM A
APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA**

**LETTER-NAME KNOWLEDGE AND ITS RELATIONSHIPS WITH THE
APPROPRIATION OF THE ALPHABETIC WRITING SYSTEM**

LEITE, Tânia Maria Soares Bezerra Rios
Universidade Federal de Pernambuco
rios.leite@uol.com.br

MORAIS, Artur Gomes de
Universidade Federal de Pernambuco
agmoraes@uol.com.br

RESUMO A fim de investigar como o conhecimento do nome das letras se relacionava à evolução das hipóteses de escrita, durante a alfabetização, em cinco ocasiões, durante o ano letivo de 1^a. série, examinamos doze alunos de duas escolas de Recife (pública e particular), oriundos de grupos socioculturais distintos. Em cada ocasião de coleta, os alunos responderam tarefas que avaliavam a evolução da psicogênese e o reconhecimento de letras. Constatamos que em ambas as turmas os aprendizes tendiam mais a reconhecer as letras de imprensa que as cursivas e que eles evoluíam quanto ao reconhecimento dos nomes das letras, sem que isto tivesse uma repercussão direta em seus níveis conceituais de compreensão do princípio fonológico da escrita alfabética. Assim, embora crianças com hipóteses de escrita mais avançadas tendessem a reconhecer mais letras, alguns alunos pré-silábicos reconheciam quase todas as letras do alfabeto, sem poder, ainda, usá-las como objetos substitutos de segmentos sonoros, ao escrever. Nossos dados sugerem que a escrita alfabética não é um simples código e que sua apropriação implica a reconstrução de uma série de propriedades de um sistema notacional.

Palavras-chave: Alfabetização - Evolução da escrita - Conhecimento de letras.

ABSTRACT In order to investigate how the knowledge about letter names interacted with the evolution of children's hypothesis about alphabetic writing during first grade, we examined, in five occasions of the school year, twelve students who attended a private and a public school in Recife-Brazil and belonged to different social groups (middle class and working class). In each occasion they were given spontaneous writing and letter recognition tasks. Our data indicated that in both school groups learners tended to recognize more letters when these were presented in print (versus handwriting) and that although letter recognition ability developed, that did not

necessarily change their levels of understanding of the phonological principle in alphabetic writing. Thus, despite the fact that children with more advanced writing hypothesis tended to recognize more letters, some of their peers with pre-syllabic writing were able to recognize almost all letters of the alphabet, even if they could not use them to substitute sound segments, while writing. Our data suggest that alphabetic writing is not a simple code and that its learning implies reconstructing the properties of a notational system.

Keywords: Reading instruction - Writing evolution - Letter-name knowledge

INTRODUÇÃO

Diversos estudos do campo da alfabetização têm apresentado um interesse crescente em torno do papel que o conhecimento do nome das letras teria na aprendizagem do princípio fonológico do alfabeto (TREIMAN, 2002; BYRNE, 1995; CARDOSO-MARTINS, 2002, 2005). A grande maioria dos estudos prévios sobre as letras está centrado no plano sintagmático, quer dizer, nos grafemas como unidades bilaterais (significado e significante), para assim ver a segmentação paralela do oral e escrito (CAPOVILLA, 2004). Em pesquisas mais recentes, pelo contrário, o interesse tem se voltado para o inventário dos nomes das letras e por analisar se estes podem constituir uma ponte entre a oralidade e a escrita, dado que no nome de várias letras se pronuncia o fonema a que se refere, como por exemplo, em “b” se pronuncia o fonema /b/.

Numa perspectiva diferente, Teberosky e Olivé (2003), a partir de uma análise histórica da evolução do conhecimento das letras, afirma que os nomes das letras não são letras nem são nomes de fonemas. Segundo essa autora, as diferentes condições de tipo histórico ou lingüístico, que afetaram as letras e seus nomes, são resultados de fatores pragmáticos, que se explicam pelo recurso de empréstimos ou de reutilizações das letras, e não a um programa planejado explícito de construção do alfabeto. Entretanto, no âmbito escolar e em muitos estudos psicológicos, se pensa que os nomes das letras têm relação direta com o valor fonêmico, como se funcionassem de forma transparente.

Os resultados de pesquisas desenvolvidas por essa autora com adultos (TEBEROSKY, 2003) sugerem que eles apresentam certas dificuldades para diferenciar o nome da letra e seu valor sonoro. Essas dificuldades não se dão

quando se identificam as unidades nomeando-as, mas aparecem quando se trata de expressar, por escrito, o nome da letra

Além da estrutura do nome da letra, segundo Teberosky (2003), a influência de práticas culturais pode ser um fator determinante. Muitas crianças aprendem o nome das letras antes de começar a escolarização e, por volta dos 5 anos, identificam corretamente muitas letras do alfabeto.

Como já dito, diversos estudos feitos com crianças vêm outorgando um papel cada vez mais importante ao nome da letra na perspectiva cognitiva (EHRI e WILCE, 1985; BYRNE, 1995 BOWMAN; TREIMAN 2002). A maioria das investigações vêm sendo feitas em inglês, onde os nomes das letras têm uma relação bastante direta com os sons que representam, mas dispomos também de pesquisas feitas no Brasil (CARDOSO-MARTINS, 2002, CARDOSO-MARTINS; BATISTA, 2005) e no México (QUINTEROS, 1997).

Ehri e Wilce (1985) baseados em estudos com crianças em idade pré-escolar, que conheciam e não conheciam letras, afirmam que as crianças que conhecem um número considerável de letras conseguem utilizar estratégias alfabéticas. O objetivo de seu trabalho era determinar quando os iniciantes mudavam o uso visual para desvios fonéticos visuais, ao aprender a ler palavras. Crianças divididas em dois grupos, de acordo com sua habilidade de ler palavras, aprenderam a ler dois tipos de palavras simples: "soletrar fonético," isto é, soletrar no qual as letras representam sons nas pronúncias (ex, SZRS para "scissors" tesoura) e "soletrar visual," isto é, soletrar em que as letras não representam sons na pronúncia das palavras (ex, QDJK para "scissors"). Seus dados evidenciaram que tanto os sujeitos "iniciantes" quanto os "veteranos" acharam o soletrar fonético mais fácil do que o soletrar visual. Baseados nos seus resultados, os pesquisadores sugeriram que o domínio das letras do alfabeto é o fator-chave que possibilita aos iniciantes aprender a ler através do processamento e lembrança das relações som-letra nas palavras e, então, passar de pré-leitores para leitores.

No Brasil, Abreu e Cardoso-Martins (1998) desenvolveram um estudo com crianças não conhecedoras do alfabeto e com crianças que já conheciam o alfabeto, a fim de verificar se o conhecimento do nome da letra facilitaria no aprendizado inicial da escrita, quando os nomes das letras podem ser ouvidos, enquanto as palavras são notadas. Cada criança foi submetida a pré-testes de leitura de

palavras, conhecimento do alfabeto e consciência fonológica. As palavras apresentadas eram escritas de forma silábica de dois modos distintos: na tarefa fonética a palavra era representada pelas letras que apareciam em sua produção oral (por exemplo, QJ para *queijo*), e na visual era representada por letras não presentes na produção oral da palavra em questão (por exemplo, PT para *queijo*). Os resultados apontaram que as crianças identificavam mais facilmente as palavras quando existia o conhecimento dos nomes das letras e esses nomes apareciam na fonética da palavra. Por outro lado, as crianças que não tinham esse conhecimento encontraram mais facilidade nas pistas visuais.

Em outra pesquisa, Cardoso-Martins e Batista (2005), com o objetivo de verificar se o nome das letras auxiliava o indivíduo a aprender as correspondências entre as letras e os sons, buscaram investigar se as crianças falantes do português utilizavam o seu conhecimento do nome das letras em suas tentativas de conectar a escrita a fala. Crianças entre 4 e 5 anos de idade foram solicitadas a escrever pares de palavras começando com a mesma letra e o mesmo som consonantal. Para cada par, o nome ou parte do nome da primeira letra podia ser escutado na pronúncia de uma das palavras (ex: telefone), mas, não da outra (tartaruga). Seus resultados evidenciaram que as crianças escrevem a primeira letra de modo correto mais freqüentemente para as palavras como *telefone* do que para as palavras *tartaruga*, sugerindo que utilizam o seu conhecimento do nome das letras para conectar à escrita.

Numa perspectiva evolutiva, um estudo realizado em espanhol obteve resultados diferentes dos acima citados, mostrando que a função que as crianças pré-alfabetizadas atribuem às letras muda segundo o nível de desenvolvimento da escrita (QUINTEROS, 1997), ou seja, que acontece uma situação de interação entre o uso das letras e a capacidade de análise oral da palavra que tentam escrever. Com relação aos nomes das letras, a referida autora afirma que, assim como existem letras consoantes com nomes silábicos (“k”, “p”, “t”, “b”), as crianças poderiam pensar que existam nomes silábicos que correspondem a letras. Em relação aos valores sonoros, a análise das escritas espontâneas põe em evidência que as crianças utilizam uma mesma letra para indicar valores sonoros diferentes, em função da posição que cada letra tem no conjunto de letras da sua escrita. Não conseguem, também, ainda, interpretar que as formas gráficas são estáveis. Neste

sentido, em concordância com Ferreiro (2003 p. 160), a consideração do conhecimento do nome das letras como um fator que influi na aprendizagem deveria interpretar-se à luz dos dados evolutivos e não tomar-se como óbvio que o conhecimento das letras (nome e forma) precede à aprendizagem da leitura e da escrita ou que este conhecimento pode ser usado como ponte para a oralidade, como se permanecesse igual, durante todo o processo de aprendizagem.

Assim como Quinteros (1997), concebemos que a apropriação do alfabeto implica a reconstrução, pela criança, de uma série de propriedades do sistema de escrita e entendemos que, a princípio, ela (a criança) não dispõe em sua mente de unidades como “fonemas”, para analisar os enunciados orais que pronuncia. O contato com a escrita é que vai viabilizar essa reflexão.

Neste sentido, tentando colaborar para o debate desse tema, realizamos o presente estudo exploratório, com o objetivo de investigar como o desenvolvimento do conhecimento do nome das letras interage com a compreensão da escrita alfabética, durante a aprendizagem da leitura e escrita.

MÉTODO

Participaram deste estudo 12 (doze) crianças de duas redes de ensino: 6 (seis) crianças de meio popular, freqüentando uma escola pública e 6 (seis) crianças de classe média, que eram alunos em uma escola particular. Em cada escola, escolhemos, numa mesma turma, crianças com diferentes níveis conceituais de escrita. O exame longitudinal foi realizado a cada 45 dias, durante o ano letivo de 2004, e permitiu-nos observar nas crianças a gênese e evolução do conhecimento do nome das letras e suas relações com a psicogênese da escrita, além de possibilitar ver como tal interação se refletiu no aproveitamento das crianças durante a alfabetização. Para isso, foram realizadas, em cinco ocasiões, durante o ano letivo, atividades de escrita espontânea, a fim de identificar o nível evolutivo e uma atividade de reconhecimento de letras (imprensa maiúscula e letra cursiva, em ordem aleatória), a fim de verificar se a memorização dos nomes das letras interagiu com a resolução das tarefas precedentes.

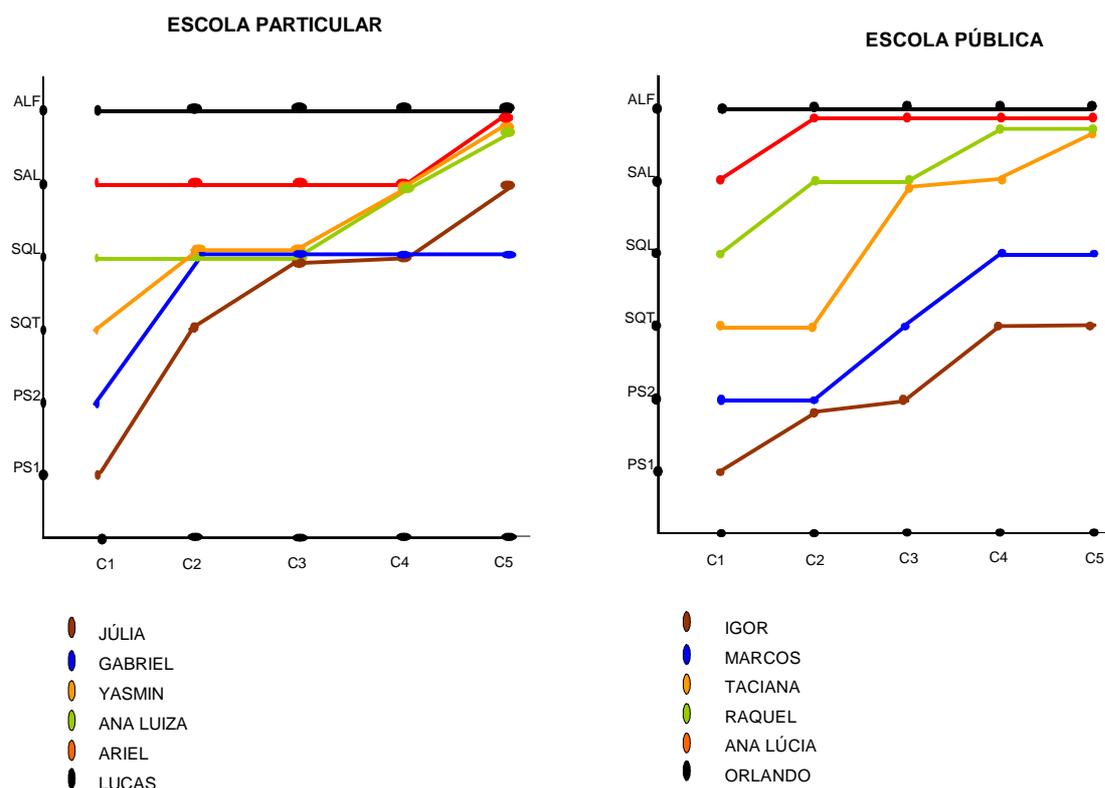
Os dados coletados foram submetidos a diferentes análises, de modo a verificar a evolução dos aprendizes quanto aos principais aspectos investigados

(nível de apropriação da escrita alfabética, e conhecimento do nome das letras). Foram também feitas análises da interação entre os dois tipos de conhecimentos.

RESULTADOS: Análise da Evolução das Hipóteses da Escrita

Para entendermos melhor como ocorria a apropriação do S.N.A, tomamos como base os estudos realizados por Ferreiro & Teberosky (1986) sobre a psicogênese da escrita. As categorias de respostas que detectamos, ordenadas segundo seu nível de avanço (de menor a maior) foram as seguintes: hipótese pré-silábica (que subdividimos em nível I, aquele das crianças com hipóteses mais elementares, e II, para as que já usavam letras convencionais e adotavam os critérios de quantidade mínima de caracteres, variação interna e diferenciação entre as palavras); hipótese silábica sem valor sonoro; hipótese silábica com valor sonoro convencional; hipótese silábico-alfabética e hipótese alfabética. Os gráficos 1 e 2, a seguir, apresentam o percurso evolutivo dos sujeitos a cada coleta, durante o ano letivo:

GRÁFICOS 1 e 2: Evolução das concepções de escrita dos alunos durante o ano letivo



Como podemos observar, da primeira à última coleta, quase todas as crianças, em ambas escolas, evoluíram significativamente quanto à aquisição do sistema de escrita alfabética, não ocorrendo nenhuma regressão.

Ao compararmos o processo de evolução conceitual nos dois grupos de alunos, podemos observar que seus desempenhos não apresentaram grandes diferenças. Ao final da última coleta (C5), encontramos, em ambas escolas, o mesmo número de crianças na hipótese alfabética, o que contraria as análises que insistem em atribuir um maior índice de fracasso na alfabetização à condição de pobreza da maioria dos alunos da rede pública. Um dado que nos chamou atenção, nos gráficos acima, foi o caso da criança da escola particular que iniciou a primeira coleta (C1) na hipótese silábico-alfabética e só conseguiu revelar uma hipótese alfabética na última coleta (C5), enquanto que a criança da rede pública, já na segunda coleta (C2), tinha ingressado na hipótese alfabética.

ANÁLISE GLOBAL DO RECONHECIMENTO DOS NOMES DAS LETRAS DE IMPRENSA E CURSIVA NAS DUAS ESCOLAS

As duas turmas apresentavam melhor desempenho no reconhecimento das letras de imprensa (71,86% no grupo da escola pública, 87,8% de acertos, no grupo da escola privada) do que das letras cursivas (52,8% de acertos na escola pública, 32,2% de acertos, no grupo da escola privada). Ademais, os resultados mostram que o grupo da escola particular apresentou melhor desempenho quanto ao reconhecimento das letras de imprensa que o grupo da escola pública. Em contraste, o grupo de escola pública mostrou melhor desempenho no reconhecimento de letras cursivas que seus pares da escola particular. Este primeiro resultado parece refletir o que expressaram as professoras, ao serem perguntadas sobre qual tipo de letra era trabalhado com as crianças no início da alfabetização:

Quanto aos dados globais de reconhecimento das vogais x consoantes, os dois grupos apresentaram melhor performance no reconhecimento das vogais (83,3% imprensa e 77,3% de acertos em cursiva entre os alunos da escola pública e 97,3% e 66,6% de acertos entre os alunos da escola particular) do que das

consoantes, tanto com relação à letra de imprensa quanto da cursiva. No entanto, os alunos da escola particular apresentaram maior percentual de acertos no reconhecimento das vogais de letra de imprensa. Já no reconhecimento das vogais com a letra cursiva, os alunos da escola pública apresentaram melhor desempenho que os da escola particular, o que corrobora os índices apresentados na tabela anterior, quando o grupo da referida escola teve, no geral, melhor desempenho quanto ao conhecimento da letra cursiva.

Com relação à análise da relação entre o nível de escrita e o conhecimento do nome das letras (vide tabelas 1 e 2), na primeira ocasião de coleta de dados os resultados nos revelaram que os percentuais de acertos dos alunos nem sempre apresentaram uma progressão constante entre os diferentes níveis (de hipótese), nem havia predominância de um grupo sobre o outro.

Tabela 1 - Quantidade e percentual de acertos de reconhecimento de letras - LETRA DE IMPRENSA, na primeira coleta

Pré-silábico 1		Pré-silábico 2		Silábico quantitativo		Silábico qualitativo		Silábico alfabético		Alfabético	
Júlia	Igor	Gabriel	Marcos	Yasmim	Taciana	Ana Luiza	Raquel	Ariel	Ana Lúcia	Lucas	Orlando
14	5	12	3	13	21	22	18	25	23	23	26
54%	19%	46%	11%	50%	81%	85%	69%	96%	88%	88%	100%

Tabela 2 - Quantidade e percentual de acertos de reconhecimento de letras - LETRA CURSIVA, na primeira coleta

Pré-silábico 1		Pré-silábico 2		Silábico quantitativo		Silábico qualitativo		Silábico alfabético		Alfabético	
Júlia	Igor	Gabriel	Marcos	Yasmin	Taciana	Ana Luiza	Raquel	Ariel	Ana Lúcia	Lucas	Orlando
3	4	1	2	5	9	9	10	6	20	6	23
11%	15%	3%	7%	19%	34%	35%	38%	23%	77%	23%	88%

Se observarmos a relação dos percentuais dos alunos que começaram o ano nos níveis pré-silábico 1 (Ps1) e pré-silábico 2 (Ps2), podemos verificar que, no início do ano, a dupla de alunos do nível Ps1 apresentava melhor desempenho no

reconhecimento das letras que os alunos do nível Ps2 de ambas as turmas. Na hipótese silábico-quantitativa, a aluna da escola pública apresentou melhor percentual de acertos que a da escola particular. Em contraste, na hipótese silábico-qualitativa, a aluna da escola particular revelou melhor desempenho. Com relação aos outros níveis de escrita (silábico-alfabético e alfabético), os dados apontam um maior percentual de acertos para os alunos da escola pública. É interessante observar que o reconhecimento das letras, diferentemente do que poderia ser esperado por certa linha de pesquisa, não se apresentou de forma linear quanto à evolução das hipóteses de escrita. Assim, por exemplo, alunos em hipóteses menos avançadas apresentaram melhor desempenho no reconhecimento de letras, como é o caso de Júlia do pré-silábico 1 com relação a Gabriel do pré-silábico 2 (54% >46%); Igor do pré-silábico 1 com relação a Marcos do pré-silábico 2 (19% >11%); Taciana do silábico quantitativo com relação a Raquel do silábico qualitativo (81%>69%), como também ao comparar-se Ariel silábico-alfabético e Lucas alfabético (96%>88%).

EVOLUÇÃO DOS ALUNOS NO RECONHECIMENTO DOS NOMES DAS LETRAS NOS DIFERENTES NÍVEIS CONCEITUAIS DE ESCRITA

Ficou evidente que as crianças apresentaram avanços consideráveis quanto ao conhecimento dos nomes das letras durante o ano letivo. Para verificar a ocorrência ou não de uma interação entre o nível de compreensão do sistema alfabético e a capacidade de reconhecer letras, examinaremos alguns casos específicos de sujeitos que apresentavam, em certa ocasião de coleta, determinado nível de hipótese.

As tabelas 3 e 4, a seguir, ilustram os percentuais de acerto de algumas crianças que iniciaram a pesquisa revelando hipóteses alfabética ou silábico-alfabética de escrita.

Tabela 3 - Evolução dos alunos que iniciaram o ano com uma hipótese alfabética, no reconhecimento do nome das letras de imprensa (I) e cursiva (C).

ALFABÉTICO										
Aluno/ Tipo de Letra	Lucas (PT)					Orlando (PB)				
	C1	C2	C3	C4	C5	C1	C2	C3	C4	C5
I	88 %	96%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
C	23 %	30%	42%	42%	46%	88%	92%	92%	96%	96%

Tabela 4 - Evolução dos alunos que na segunda coleta apresentavam uma hipótese silábico-alfabética, quanto ao reconhecimento do nome das letras de imprensa (I) e cursiva (C).

SILÁBICO – ALFABÉTICO								
Aluno/Tipo de Letra/ Hipótese	Ariel (PT)				Ana Lúcia (PB)			
	C2	C3	C4	C5	C2	C3	C4	C5
	SAL	SAL	SAL	AL	SAL	ALF	ALF	ALF
I	96%	96%	96%	100%	100%	100%	100%	100%
C	35%	38%	42%	42%	77%	85%	92%	96%

Como os desempenhos dos alunos que iniciaram nos níveis de escrita alfabético e silábico alfabético revelaram-se muito próximos (em seus percentuais), as análises dos dados foram feitas conjuntamente. Como é possível observar, os alunos alfabéticos e silábico-alfabéticos de ambas as escolas, desde o início da pesquisa, já apresentavam um excelente desempenho quanto ao reconhecimento das letras de imprensa, principalmente os alunos da turma da escola pública. A dificuldade dos alunos da escola particular na primeira coleta, no caso do aluno Lucas, se deu com as letras F (que trocou por V), a letra Q (que trocou por U) e a letra S que trocou pela letra C. É interessante destacar que a sua dificuldade de reconhecimento envolveu letras que apresentam o mesmo ponto e modo de articulação (F e V) e mesmo som com grafias diferentes (S e C). No entanto, na segunda coleta única letra de imprensa em que ele ainda revelou dificuldade foi a letra Q, a qual nomeou como /kô/. Já o aluno Ariel apresentou, até a quarta coleta, dificuldade no reconhecimento da letra Y, que dizia ser difícil, justificando: "Tem no nome de Yasmin, mas eu não sei qual é". Quanto ao reconhecimento da letra

cursiva, ao longo das coletas as crianças das duas escolas conseguiram avançar, contudo observou-se que as da escola pública tiveram uma melhor performance.

Quanto aos alunos que iniciaram o ano com uma hipótese silábica de quantidade (vide tabela 5), observa-se neste nível de escrita que a aluna da turma da escola pública apresentou desde a primeira coleta um percentual mais alto de acertos com relação tanto à letra de imprensa quanto à letra cursiva.

Tabela 5 - Evolução dos alunos que no início da pesquisa tinham uma hipótese silábico-quantitativa, no reconhecimento do nome das letras de imprensa (I) e cursiva (C)

SILÁBICO – QUANTITATIVO						
Aluno/Tipo de Letra/ Hipótese	Yasmim (PT)			Taciana (PB)		
	C1	C2	C3	C1	C2	C3
	SQT	SQT	SQL	SQT	SQT	SAL
I	50%	69%	84%	81%	88%	92%
C	19%	34%	38%	34%	53%	61%

Sobretudo no caso da letra de imprensa, seus acertos em reconhecimento eram muito semelhantes aos de outros alunos, cuja trajetória foi há pouco analisada e que iniciavam o ano com níveis de hipótese mais elevados (Orlando, Ariel, Ana Lúcia e Ana Luiza). Ao estabelecermos a relação entre o desenvolvimento da escrita da aluna nesse mesmo tempo, pode-se perceber um avanço bastante significativo no caso de Taciana, pois, na terceira coleta, a mesma já havia ingressado na hipótese silábico-alfabética. A aluna da turma da escola particular, também obteve avanços, contudo na terceira coleta encontrava-se na hipótese silábico-qualitativa. O que se pode perceber é que nesse nível de escrita, mesmo ainda não fazendo uso no do valor sonoro convencional, ao buscar notar as correspondências letra/som, as crianças já reconheciam um grande número de letras, tanto quanto aquelas que iniciaram nos níveis mais avançados.

Tabela 6 - Evolução dos alunos que iniciaram a pesquisa no nível pré-silábico 2, quanto ao reconhecimento do nome das letras de imprensa (I) e cursiva (C)

PRÉ-SILÁBICO 2								
Aluno/Tipo de Letra/Hipótese	Gabriel				Marcos			
	C2	C3	C4	C5	C2	C3	C4	C5
	SQL	SQL	SQL	SQL	PS2	SQT	SQL	SQL
I	65%	84%	96%	100%	19%	34%	46%	62%
C	11%	27%	38%	46%	19%	19%	26%	42%

Os dados das crianças que iniciaram o ano com uma hipótese pré-silábica de tipo 2 aparecem na tabela 6, acima. Constata-se uma evolução das duas crianças das diferentes turmas, mesmo evidenciando percentuais distintos. Vale ressaltar que o aluno da turma da escola particular revelava, desde a segunda coleta, um reconhecimento maior de letras que a criança da turma da escola pública, tendo conseguido, ao final da coleta, atingir o mesmo percentual de acertos dos alunos alfabéticos e superar os percentuais de outros alunos com hipóteses mais avançadas que ele. É oportuno salientar que Gabriel, na segunda coleta, encontrava-se na hipótese silábico-qualitativa de escrita, permanecendo até a coleta quinta coleta no mesmo nível de escrita. Marcos, ao contrário, na segunda coleta continuava no nível de escrita pré-silábico II, na terceira coleta tinha ingressado na hipótese silábico-quantitativa e nas coletas 4 e 5 havia ingressado na hipótese silábico-qualitativa. Mais uma vez, os dados sugerem que o reconhecimento das letras não é determinante de uma compreensão sobre como elas funcionam, de modo a poderem ser usadas convencionalmente, ao notar-se as correspondências grafofônicas das palavras.

Os dados das crianças que iniciaram o ano letivo com hipóteses pré-silábicas mais primitivas aparecem na tabela 7.

Tabela 7 - Evolução dos alunos que iniciaram a pesquisa no nível pré-silábico I, quanto ao reconhecimento do nome das letras de imprensa (I) e cursiva (C) .

PRÉ-SILÁBICO 1						
Aluno/Tipo de Letra/Hipótese	Júlia			Igor		
	C1	C2	C3	C1	C2	C3
	PS1	PS2	SQL	PS1	PS1	PS2
I	85%	92%	92%	7%	19%	23%
C	15%	23%	35%	3%	3%	7%

A proporção dos percentuais de acerto, tanto em letra de imprensa quanto em letra cursiva entre as duas crianças no quadro acima, apresentou diferença bastante significativa. A criança da turma da escola particular desde a primeira coleta demonstrava um reconhecimento muito eficiente de letras, mesmo apresentando, ao escrever, letras com traçados ainda não muito bem definidos. Seu desenvolvimento foi muito rápido, pois na segunda coleta já se encontrava na hipótese silábico-qualitativa e tinha apresentado apenas um pouco mais de acertos no reconhecimento de letras (que, ressaltamos, já era excelente). O aluno da turma da escola pública também apresentou avanços quanto ao reconhecimento dos dois tipos de letras, porém, observou-se um desenvolvimento bem mais lento, pois até a terceira coleta permanecia na mesma hipótese de escrita. O que se pode inferir, é que, mesmo ainda estando na hipótese pré-silábica I, as crianças com esse nível de escrita, tanto quanto as outras de hipóteses mais avançadas, podem apresentar, desde o início, um alto percentual de acertos no reconhecimento de letras.

ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE O ACERTO NO RECONHECIMENTO DE NOMES DE LETRAS E SEU EMPREGO COM VALOR SONORO CONVENCIONAL

Os quadros 1 e 2, a seguir, ilustram os dados quantitativos encontrados quando nos perguntamos: “Das letras que reconhece, quantas o sujeito usa, ao escrever as quatro palavras do ditado, e quantas pareciam ser usadas com valor sonoro convencional?”. Ao modalizarmos nosso julgamento (“pareciam ser usadas com valor sonoro convencional”), adotamos um julgamento conservador. Se as letras usadas pela criança estivessem presentes na grafia convencional das palavras, computávamos como “potencial emprego com valor sonoro convencional”. É evidente que, no caso das crianças com hipóteses mais primitivas, poderíamos estar atribuindo uma intenção ou conhecimento que não tiveram. Mas, pareceu-nos mais adequado adotar este parâmetro que decidir, arbitrariamente, sobre a convencionalidade ou não das letras escolhidas pelos sujeitos.

ESCOLA PÚBLICA						
SUJEITOS/ HIPÓTESES	LETRAS/ PALAVRAS	C1	C2	C3	C4	C5
Igor Pré-Silábico I	REC	9	5	6	7	6
	USA	2	3	2	3	2
	Valor Sonoro	-	-	-	1	1
Marcos Pré-Silábico II	REC	1	4	8	14	17
	USA	3	4	4	11	11
	Valor Sonoro	-	-	2	11	11
Taciana SQT	REC	21	22	24	24	24
	USA	2	5	12	15	24
	Valor Sonoro	0	3	10	14	19
Raquel SQL	REC	21	22	24	24	24
	USA	11	16	20	20	19
	Valor Sonoro	10	11	11	11	10
Ana Lucia SALF	REC	24	24	24	24	24
	USA	16	19	21	22	23
	Valor Sonoro	11	10	11	10	10
Orlando ALF	REC	24	24	24	24	24
	USA	24	24	24	24	24
	Valor Sonoro	11	12	11	10	10

REC = total de letras que reconheceu dentre todas as apresentadas

USA = total de letras diferentes que usou ao notar as palavras do ditado

Valor sonoro = total de letras que usou ao notar as palavras do ditado que, independentemente da posição, poderiam ter sido escolhidas pelo valor sonoro convencional.

Quadro 1 - Relações entre conhecimento dos nomes das letras e seu uso com valor sonoro convencional, ao longo do ano letivo – escola pública.

ESCOLA PARTICULAR						
SUJEITOS/ HIPÓTESES	LETRAS/ PALAVRAS	C1	C2	C3	C4	C5
Júlia Pré-Silábico I	REC	15	21	22	22	22
	USA	6	8	10	13	15
	Valor Sonoro	-	5	9	10	10
Gabriel Pré-Silábico II	REC	13	14	23	23	23
	USA	-	10	11	11	11
	Valor Sonoro	3	8	11	11	11
Yasmin SQT	REC	13	15	20	23	23
	USA	8	10	12	13	18
	Valor Sonoro	3	10	13	11	11
Ana Luiza SQL	REC	24	24	24	24	24
	USA	10	12	14	14	15
	Valor Sonoro	10	10	11	10	10
Ariel SALF	REC	24	24	24	24	24
	USA	13	15	14	17	19
	Valor Sonoro	11	12	11	10	10
Lucas ALF	REC	24	24	24	24	24
	USA	18	21	20	20	21
	Valor Sonoro	11	11	10	11	11

REC= total de letras que reconheceu dentre todas as apresentadas

USA= total de letras diferentes que usou ao notar as palavras do ditado

Valor sonoro= total de letras que usou ao notar as palavras do ditado que, independentemente da posição, poderiam ter sido escolhidas pelo valor sonoro convencional.

Quadro 2 - Relações entre conhecimento dos nomes das letras e seu uso com valor sonoro convencional, ao longo do ano letivo – escola particular.

Como podemos perceber nos Quadros 1 e 2, os dados apontam que os sujeitos das hipóteses iniciais de escrita (pré-silábico I, pré-silábico II) da turma da escola pública reconheciam um número bem menor de letras das palavras ditadas (*livro, caderno, lapiseira e giz*) do que os da escola particular. No entanto, observa-se que a partir da hipótese silábico-qualitativa o número de acertos entre os dois grupos de alunos pouco apresentou diferenças. É interessante observar que a tendência era crescer o número de acertos quanto aos nomes das letras. Isso parece sugerir que, à medida que as crianças avançavam para hipóteses mais elaboradas de escrita, aumentava também o número de acertos quanto ao reconhecimento das letras. Contudo, diferentemente de outras pesquisas, não existe uma relação linear entre o reconhecimento e o uso com possível valor sonoro convencional.

Estabelecendo uma comparação entre os níveis iniciais de escrita (pré-silábico I, pré-silábico II e silábico quantitativo) e os níveis de escrita em que a

fonetização já se evidenciava nos escritos das crianças, constata-se que os dados apontam uma correlação mais próxima entre partes do escrito e partes do falado.

A partir dessas evidências, buscamos verificar se os sujeitos usavam mais vogais ou consoantes com potencial ou efetivo valor sonoro convencional. Os dados apresentam evidências no sentido de que nos níveis iniciais da escrita, os sujeitos reconhecem mais as vogais que as consoantes. À medida que as crianças avançavam para hipóteses mais elaboradas, o quantitativo de empregos (com valor sonoro convencional) de vogais e consoantes tendia a ficar mais próximo.

Novamente percebemos que a hipótese silábico-qualitativa parece constituir-se como fator de um aumento do repertório de reconhecimento das letras, tendo em vista que é a partir dessa hipótese de escrita que os empregos convencionais de vogais e consoantes apareciam com mais equilíbrio.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Admitindo os limites de nossa pesquisa, por ser um estudo exploratório com poucos sujeitos, ao concluir esse trabalho, julgamos importante levantar alguns pontos que merecem ser destacados. O primeiro é que nossos dados indicaram que, durante o ano letivo, as crianças de ambas as escolas pesquisadas, de um modo geral, evoluíram consideravelmente da primeira à última coleta, não ocorrendo nenhuma regressão. Isso vem desmistificar as concepções que insistem em atribuir o maior índice de fracasso dos alunos da rede pública na alfabetização à sua origem.

O segundo ponto a destacar deriva da análise do reconhecimento das letras de imprensa e cursiva. Os dados indicaram que, em ambas as turmas, as crianças tendiam a reconhecer mais a letra de imprensa do que a cursiva, o que estaria influenciado pelas interações que os alunos estabeleciam nas diferentes situações de escrita e uso das letras.

Constatamos, também, uma evolução dos alunos quanto ao reconhecimento dos nomes das letras, sem que isto tivesse uma repercussão direta em seus níveis conceituais. Diferentemente de outras concepções, em que se defende que o reconhecimento das letras (nome e forma) precede a aprendizagem da leitura e escrita (TREIMAN, 2002 apud TEBEROSKY; OLIVÉ, 2003; BYRNE, 1995

CARDOSO-MARTINS et al., 2002), nossos dados sugerem que o reconhecimento das letras – enquanto instrumento a serviço da escrita – e seu uso efetivo, em diferentes contextos, apresenta uma relativa independência, não determinando aquele reconhecimento uma compreensão do princípio fonológico da escrita alfabética. Isto foi observado a partir das análises do desenvolvimento das crianças: de um modo geral, aquelas com diferentes hipóteses de escrita já reconheciam muitas letras, mesmo quando ainda não sabiam estabelecer as correspondências grafofônicas pertinentes à escrita alfabética. Constatamos também que, à medida que as crianças avançavam em seus diferentes níveis conceituais de escrita, avançavam também no reconhecimento das letras. Ainda em relação ao reconhecimento das letras e seu uso na escrita das palavras, nossos dados sugerem que nem sempre o reconhecimento do nome da letra auxiliava a criança a compreender que as letras representavam sons.

Em concordância com Ferreiro (1989; 2003) concebemos que a apropriação do alfabeto implica a reconstrução, pela criança, de uma série de propriedades do sistema de escrita e entendemos que a princípio ela (a criança) não dispõe em sua mente, de unidades como “fonemas” para analisar, os enunciados orais que pronuncia. O contato com a escrita é que vai viabilizar essa reflexão.

TÂNIA MARIA SOARES BEZERRA RIOS LEITE

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Católica de Pernambuco (1982) e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (2006). Atualmente está em fase final de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco. Atua como coordenadora pedagógica do Programa Brasil Alfabetizado em parceria com o Centro de Estudos em Educação e Linguagem. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Apropriação do Sistema de Escrita, atuando principalmente em pesquisas nos seguintes temas: Alfabetização, Leitura, Letramento, Conhecimento do Nome das Letras e Consciência Fonológica.

ARTUR GOMES DE MORAIS

Oteve graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (1981), mestrado em Psicologia (Psicologia Cognitiva) pela Universidade Federal de Pernambuco (1986) e doutorado em Psicologia pela Universidad de Barcelona (1996). Fez pós-doutorado na Universidad de Barcelona e no INRP-Paris (2005). É professor titular do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco,

onde atua também no CEEL- Centro de Estudos em Educação e Linguagem e na Pós-Graduação em Educação. Tem experiência na área de Educação, dedicando-se, principalmente, aos seguintes temas: psicolingüística, didática da língua portuguesa, alfabetização, formação do professor e psicologia da educação. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2.

REFERÊNCIAS

ABREU, M.D.; CARDOSO-MARTINS, C.; Alphabetic Access Route in Beginning Reading Acquisition in Portuguese: The Role of Letter-name Knowledge. **Reading and Writing: An Interdisciplinary Journal**. n.10.1998. p. 85-104.

BYRNE, B. Treinamento da Consciência Fonêmica em Crianças Pré-escolares: por que fazê-lo e qual o seu efeito. In: CARDOSO-MARTINS, C. (org). **Consciência fonológica & alfabetização**. Petrópolis: Vozes, 1992 p. 37-67.

CAPOVILLA, A.; CAPOVILLA, F. **Problemas de leitura e escrita**: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica. São Paulo: Memnon, 2004.

CARDOSO-MARTINS, C; RESENDE, S. M.; RODRIGUES, L.A. Letter name Knowledge and the Ability to Learn to Read by Processing Letter-Phoneme Relations in Words: Evidence from Brazilian Portuguese - Speaking Children. **Reading and Writing: An Interdisciplinary Journal**. n. 15.2002. p.409-432.

CARDOSO-MARTINS, C. ; BATISTA, A. C. E. . O conhecimento do nome das letras e o desenvolvimento da escrita: evidência de crianças falantes do português. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre. v. 18, n. 3, p. 330-336, 2005.

EHRI, L.; WILCE, L.; Movement into reading: Is the first stage of printed word learning visual or phonetic? **Reading Research Quarterly**. N. 20.1985. p.163-179.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1986

_____. Escrita e Oralidade: unidades, níveis e consciência metalingüística. In: FERREIRO e colaboradores. **Relações de (IN)dependência entre oralidade e escrita**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

TEBEROSKY, A ; OLIVÉ, C. M. El Nombre de las Letras. **Lectura y vida**. n. 3, 2003.

QUINTEROS, G. **El Uso y función de las Letras em el Período Pré-Alfabético**. Série DIE, México,1997.

TEBEROSKY, A; OLIVÉ, C. M. El Nombre de las Letras. **Lectura y vida**. n.3. 2003. p. 6-14.

TREIMAN, R. Introduction to Special Issue on Spelling. **Reading and Writing: An Interdisciplinary Journal**. n 9; p. 315-319; 2002